

**Tertúlias dialógicas, um modo de ler e escrever o mundo (feminino): anotações metodológicas e conceituais de um projeto de extensão com mulheres em situação de vulnerabilidade social**

*Dialogic gatherings, a way of reading and live-writing the world (from women's perspective): methodological and conceptual notes from an outreach project with women in situations of social vulnerability*

Jady Oliveira Borges<sup>1</sup>  
Cilene Margarete Pereira<sup>2</sup>

**RESUMO**

Este trabalho apresenta resultados do projeto de extensão com interface com a pesquisa “Escrevivências femininas: traçando linhas em educação, direitos humanos e políticas públicas em Varginha/MG”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de Minas Gerais e realizado pelo grupo de pesquisa Gênero Pela Não Intolerância, da Universidade Federal de Alfenas. Com a proposta de promover, junto a mulheres em situação de vulnerabilidade social e de risco, atendidas por instituições de assistência social da cidade de Varginha, em Minas Gerais, uma autorreflexão acerca de suas experiências e vivências, o projeto ofertou oficinas culturais fazendo uso metodológico das tertúlias dialógicas e do conceito de “escrevivência”. A partir da reflexão/autorreflexão coletiva, empreendida nas rodas de conversa das tertúlias, as mulheres participantes produziram textos diversos, expressando seus sentimentos e percepções relativos a diversos temas, como trabalho reprodutivo, estereótipos de gênero e violências. A produção material de suas expressões (suas escrevivências), por meio de suas falas e de suas escritas, as legitimou como produtoras de conhecimento, rompendo com a lógica de silenciamento que historicamente as atravessava e reconfigurando seus lugares sociais e afetivos. Ao partilharem suas narrativas, elas produziram reconhecimento mútuo, elaboraram estratégias de resistência e construíram uma memória comum.

**Palavras-chave:** Extensão. Mulheres em situação de vulnerabilidade social. Tertúlias dialógicas. Escrevivência. Produção textual.

**ABSTRACT**

This study presents results from the outreach project associated with the research study “*Escrevivência* of women: tracing paths in education, human rights, and public policies in Varginha/MG”, funded by The Research Support Foundation of the State of Minas Gerais and carried out by research group Gender for Non-Intolerance at the Federal University of Alfenas. Seeking to promote self-reflection among women experiencing social vulnerability and risk who were assisted by social welfare institutions in the town of Varginha, Minas Gerais, Brazil, the project offered cultural workshops grounded in the methodological use of dialogical gatherings and the concept of *escrevivência*. Through collective reflection and self-reflection

<sup>1</sup> Graduada em Ciência e Economia pela Universidade Federal de Alfenas, Minas Gerais, Brasil / Graduated in Science and Economics, Federal University of Alfenas, State of Minas Gerais, Brazil (jady.borges@sou.unifal-mg.edu.br).

<sup>2</sup> Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil; pós-doutoral em História Social da Cultura pela mesma instituição / PhD in Literary Theory and History, State University of Campinas, State of São Paulo, Brazil; postdoctoral internship in Social History of Culture at the same institution (cilene.margarete.pereira@gmail.com).

developed during the dialogic discussion circles, the participating women produced a variety of texts expressing their feelings and perceptions regarding issues such as reproductive labor, gender stereotypes, and violence. The material production of their expressions (their *escrevivências*), through both speech and writing, legitimized them as producers of knowledge, challenging the logic of silencing that had historically shaped experiences and reconfiguring their social and affective positions. By sharing their narratives, the participants fostered mutual recognition, developed strategies of resistance, and constructed a shared memory.

**Keywords:** Outreach. Women in situations of social vulnerability. Dialogical gatherings. *Escrevivência*. Text production.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um recorte dos resultados do projeto de extensão com interface com a pesquisa “Escrevivências femininas: traçando linhas em educação, direitos humanos e políticas públicas em Varginha/MG”<sup>3</sup>. A ação propôs a autorreflexão de mulheres em situação de vulnerabilidade social e de risco, especialmente sobre suas experiências e vivências, materializadas por meio de produções textuais diversas.

Trata-se de um trabalho alinhado aos pressupostos teóricos da Educação em Direitos Humanos (EDH) a partir de dois documentos fundamentais: (1) Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (Brasil, 2018); (2) Caderno de Educação em Direitos Humanos (Brasil, 2013). O primeiro documento observa a necessidade de visibilizar “temáticas relativas a gênero, identidade de gênero, raça e etnia, religião, orientação sexual, pessoas com deficiências [e] todas as formas de discriminação e violações de direitos”<sup>2</sup>-(Brasil, 2018, p. 20-21), aspecto que deve ser observado, no âmbito do ensino superior, tanto em projetos de pesquisa quanto de extensão. O segundo documento, por sua vez, destaca que ações relacionadas aos direitos humanos devem buscar identificar as origens dos problemas para “procurar modificar atitudes e valores, e trabalhar para mudar as situações de conflito e violações dos direitos humanos, trazendo como marca a solidariedade e o compromisso com a vida” (Brasil, 2013, p. 34).

Nesse sentido, ressalta-se a importância do processo de escuta sensível de um grupo minoritário formado por mulheres, que, apesar de serem a maioria da população brasileira (51,5%), segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), têm um histórico relevante de violações de seus direitos, bem como pouca representatividade em

---

<sup>3</sup> O projeto foi financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig) e coordenado/executado pelo grupo de pesquisa Gênero pela Não Intolerância (Geni), da Universidade Federal de Alfenas (Unifal), no período de janeiro de 2023 a dezembro de 2025. Ele foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unifal, sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de n.º 60933622.0.0000.5142. Durante o período de execução, o projeto teve a participação de seis bolsistas e três professoras, originando seis pesquisas de Iniciação Científica (IC).

espaços de decisão. No caso específico do projeto, são mulheres em situação de vulnerabilidade social e de risco, atravessadas por questões relativas à raça/etnia e à classe social; muitas delas são atendidas por aparelhos estatais como o Centro de Referência de Assistência Social (Cras) e/ou convivem em pastorais ligadas à igreja católica, no município de Varginha, no estado de Minas Gerais (MG).

Para a apresentação de alguns resultados extensionistas do projeto, delimita-se seu relato às experiências de realização de duas oficinas culturais: uma executada na Unidade II do Cras; e outra com um grupo de mulheres pertencentes à Pastoral das Crianças da Paróquia de Sant'Anna, ambas na cidade de Varginha/MG. Para isso, o texto se organiza da seguinte forma, além desta introdução e das considerações finais: na primeira seção, apresenta-se a metodologia das tertúlias dialógicas, inauguradas pelo educador espanhol Ramón Flecha García (García; Carrión; González, 2013), e o conceito de “escrivivência”, conforme propõe a escritora mineira Evaristo (2020). Na segunda seção, destaca-se a organização das tertúlias dialógicas e o perfil de suas participantes, além da apresentação de algumas de suas produções textuais autorais.

## **MÉTODO E CONCEITO: A ARTICULAÇÃO ENTRE TERTÚLIAS DIALÓGICAS E ESCRIVIVÊNCIA**

As tertúlias dialógicas são uma metodologia ativa que considera a escuta e a fala de seus participantes a partir da organização de rodas de conversa horizontalizadas em torno de um objeto cultural lido com o objetivo de estabelecer um diálogo e uma reflexão coletiva (García; Carrión; González, 2013). Busca-se, com isso, a construção de um saber reflexivo e não hierarquizado, a partir do compartilhamento das experiências dos participantes.

O nascimento das tertúlias dialógicas remonta ao final da década de 1970, quando o educador espanhol Ramón Flecha García começou a utilizar textos clássicos da literatura espanhola para promover uma reflexão coletiva, junto a pessoas mais velhas e pouco alfabetizadas, que frequentavam uma escola noturna (García; Carrión; González, 2013). Apesar da experiência com a literatura canonizada e clássica ser marcante na metodologia e a mais utilizada em espaços educativos formais e não formais, é possível utilizar outros objetos culturais, como o audiovisual, cancional ou fotográfico, adaptando a metodologia a seus contextos de aplicação, como feito no projeto “Escrivivências femininas”.

A adequação dos objetos culturais ao perfil dos participantes das tertúlias dialógicas não significa uma simplificação do processo formativo/reflexivo, mas a valorização de outras formas de linguagem e expressão que dialogam diretamente com os repertórios simbólicos do

público. Essa escolha, metodologicamente fundamentada, está em sintonia com os princípios da EDH, que preconiza o reconhecimento dos sujeitos em sua complexidade e com a pedagogia freireana, centrada no respeito aos saberes populares e na construção coletiva do conhecimento (Freire, 2021). Ao deslocar o foco da erudição para a experiência, as tertúlias dialógicas, conforme praticadas no projeto “Escrevivências femininas”, reafirmam sua potência política e educativa, atuando como ferramenta de leitura crítica da realidade.

As tertúlias, como eixo estruturante de reflexão em contextos de baixa escolarização formal, revelam uma aposta radical no poder da palavra e da escuta, articuladas com a vivência. Como argumentam García, Carrión e González (2013), não se trata de interpretar corretamente uma obra ou um objeto cultural, como ocorre em espaços formais de uma educação enrijecida, mas da construção de sentidos coletivos, partindo da vivência e da subjetividade de cada participante. Ao serem ouvidas e legitimadas como produtoras de conhecimento, as mulheres participantes das tertúlias dialógicas rompem com a lógica de silenciamento que, historicamente, as atravessa, reconfigurando seus lugares sociais e afetivos.

Ao lado da reflexão coletiva, emerge a autorreflexão, entendida como a capacidade de olhar para si a partir da mediação do grupo. Nas tertúlias dialógicas, a fala de uma participante funciona como reflexo e estímulo para que cada uma delas compreenda melhor seus próprios caminhos, incluindo suas dores e resistências. A escuta ativa, promovida por uma moderação<sup>4</sup> e atuação horizontalizada do grupo, cria um espaço de acolhimento e de elaboração simbólica da experiência. Nessa perspectiva, as tertúlias dialógicas atuam como práticas de subjetivação crítica (García; Carrión; González, 2013), na qual a palavra falada, escrita ou cantada é uma forma de reescrever-se no mundo.

O conceito de “escrevivência” (que intitula o projeto e orienta as produções textuais realizadas pelas mulheres participantes) é apresentado por Evaristo (2020). A autora articula conjuntamente as palavras “escrever”, “viver” e “se ver”, ao propor que quem escreve, o faz sobre sua vivência, tornando a escrita um instrumento de visibilidade a si próprio (Oliveira; Sampaio; Silva, 2021).

A concepção de escrevivência rompe com a ideia de literatura como campo exclusivamente estético, que pressupõe uma elaboração que destaca seu significante. Para Evaristo (2005), escrever é uma forma de se inscrever, bem como projetar-se no espaço público e subverter os silêncios historicamente impostos às mulheres negras e periféricas. Nesse sentido, a escrita torna-se ferramenta de emancipação simbólica ao devolver às narradoras o

---

<sup>4</sup> Como destacam García, Carrión e González (2013), o moderador é o facilitador da escuta ativa, que assegura que todas as vozes sejam ouvidas e que o diálogo seja orientado por critérios de solidariedade e respeito mútuo.

poder de contar suas próprias histórias a partir de sua perspectiva. Evidencia-se, assim, não haver neutralidade no ato de narrar: todo texto traz as marcas do corpo, do território e das experiências da autora.

As escrevivências se configuram, além disso, como prática coletiva. Ao partilharem suas narrativas, as mulheres produzem reconhecimento mútuo, elaboram estratégias de resistência e constroem uma memória comum. No projeto “Escrevivências femininas”, essa coletividade evoca histórias pessoais, além de interpretações críticas acerca das condições de vida das mulheres em situação de vulnerabilidade social e de risco.

Nas oficinas culturais, esse processo se desdobra em produções textuais que transcendem a mera reprodução de experiências, reelaborando-as por meio de recursos próprios de alguns gêneros/tipos textuais, como bilhetes, cartas, histórias, montagens textuais e visuais. Trata-se de uma escrita que se move entre memória e imaginação, mas permanece ancorada na realidade concreta. Ao escreverem “de si” e “a partir de si”, as participantes contestam a violência simbólica que as reduz a papéis sociais naturalizados (Bourdieu, 2019). Desse modo, a escrevivência emerge como metodologia que permite centralidade às vozes dessas mulheres, socialmente vulnerabilizadas, reconhecendo-as como produtoras legítimas de conhecimento e cultura.

Nesse contexto, um aspecto importante presente na base metodológica refere-se ao modo como os objetos culturais são entendidos a partir das considerações de Candido (2023). Como um direito fundamental para a expressão de uma vida digna, o autor reconhece que bens fundamentais não são apenas aqueles que asseguram a sobrevivência física das pessoas (moradia, saúde, alimentação *etc.*), mas todos que garantem sua integridade, assim como a arte, que assume a função social elementar por meio de sua capacidade fabuladora e, portanto, de humanização (Candido, 2023)<sup>5</sup>.

A função humanizadora da arte manifesta-se na satisfação de uma necessidade universal de ficção e fantasia, presente em todos os grupos humanos e em diferentes formas de expressão (das mais simples às mais elaboradas). No contexto deste trabalho, a leitura de obras literárias e de outros objetos culturais não apenas atende a essa necessidade, como oferece instrumentos de reelaboração da própria realidade vivida, promovendo reflexões e afetos que escapam ao controle pedagógico formal (Candido, 2023).

Evaristo (2005), ao propor as escrevivências, reforça essa dimensão social da literatura e de outras manifestações culturais, enfatizando a potência transformadora da palavra

---

<sup>5</sup> O autor se refere mais particularmente à literatura (Candido, 2023), mas suas considerações podem ser facilmente estendidas a outros objetos culturais fabuladores como canções, filmes, fotografias *etc.*

escrita/falada como espaço de memória e resistência. Suas narrativas, das quais muitas foram utilizadas nas oficinas culturais, mostram que contar a própria história é um ato político que confronta estruturas sociais opressoras e rompe com a invisibilidade histórica das mulheres negras.

Assim, a literatura e a produção de narrativas pessoais inscritas nesse princípio organizador da fabulação convergem com a força indiscriminada da literatura como instrumento de humanização e aproximação da vida, sem se limitar a padrões pedagógicos ou morais (Candido, 2023).

Essa dimensão ambivalente da literatura e de outras artes, apoiada na ideia de fabulação, evidencia que elas atuam sobre a totalidade da experiência humana, trazendo “o bem e o mal” e reconhecendo as complexidades da vida real. Ao abrir espaço para narrativas plurais e para a produção de escrituras, a prática pedagógico-cultural evita modelos paternalistas, promovendo a autonomia criadora das participantes. Ao mesmo tempo, oferece condições para a arte ser entendida como direito universal, garantindo que o acesso à expressão cultural não se restrinja às elites e reconhecendo a cidadania plena como direito que inclui fruição estética, imaginação e expressão simbólica (Candido, 2023).

Dessa forma, a integração entre manifestações artísticas, materializadas por meio de objetos culturais diversos, escrituras e diálogos, reafirmam a função humanizadora, formativa e política da arte. Trata-se de uma forma de oportunizar que as mulheres reconheçam suas histórias, fortaleçam sua identidade e construam sentidos compartilhados. Nesse horizonte, a prática proposta pelo projeto articula o exercício estético à consciência crítica, evidenciando que ler/ouvir/ver e narrar é, simultaneamente, um ato de conhecimento, resistência e empoderamento. Portanto, contribui para a construção de comunidades interpretativas e para a promoção da justiça social.

## **TERTÚLIAS DIALÓGICAS: ORGANIZAÇÃO, PERFIL DAS PARTICIPANTES E PRODUÇÕES TEXTUAIS**

Para a execução das tertúlias dialógicas, foram organizadas oficinas culturais que buscaram refletir sobre o cotidiano feminino a partir de temas relativos às vivências das mulheres participantes, amparadas pela leitura de um objeto cultural específico. A autorreflexão das participantes era materializada, no final, por meio de produções textuais autorais diversas, como bilhetes, cartas, fotomontagens, recortes e histórias. Ao todo, foram realizadas 10 oficinas culturais na cidade de Varginha/MG, compreendendo as Unidades I, II e V do Cras, sendo 1

grupo de mulheres pertencentes à Pastoral das Crianças da Paróquia de Sant’Anna e 1 grupo de mulheres usuárias dos serviços prestados por uma Organização Não Governamental (ONG) da cidade, totalizando mais de 60 participantes.

Neste trabalho, apresenta-se um recorte de 2 oficinas: uma realizada na Unidade II do Cras, no segundo semestre de 2023, contemplando 5 encontros; outra, com um grupo de mulheres da Pastoral das Crianças da Paróquia de Sant’Anna, no primeiro semestre de 2024, com 3 encontros. O grupo de mulheres participantes foi organizado pelas duas instituições-parceiras, considerando os objetivos do projeto “Escrevivências femininas” em consonância com temas que interessavam a elas discutir, todos relativos à vivência das mulheres na sociedade, conforme disposto nas Tabelas 1 e 2:

**Tabela 1** – Oficinas culturais no Cras II (2023.2)

<b>Data</b>	<b>Objeto cultural</b>	<b>Tipo de objeto cultural</b>	<b>Data de publicação</b>	<b>Produção textual derivada</b>	<b>Tema</b>
1º Encontro (16/10/2023)	Fotografias de Dorothea Lang, Dina Goldstein e Kamila Camillo	Fotografias (cotidiano feminino)	[Variado]	Bilhetes sobre os sentimentos das mulheres ao verem as fotografias	Trabalho doméstico; rotina das mulheres; estereótipos de gênero
2º Encontro (23/10/2023)	<i>Apelo</i> (Trevisan, 2025)	Literatura (conto)	1970	Bilhete (para a antagonista do conto)	Trabalho reprodutivo; estereótipos de gênero
3º Encontro (30/10/2023)	<i>Vida Maria</i> (Vida, 2006)	Audiovisual (curta-metragem)	2006	Não houve produções nesse dia devido ao tempo excedido da roda de conversa	Repetição geracional; negação do acesso à educação; naturalização do trabalho infantil e doméstico
4º Encontro (07/11/2023)	<i>Triste, louca ou má</i> (Francisco, 2016)	Cancional (Letra de canção)	2016	Queima de sentimentos (sentimentos que as mulheres gostariam de queimar)	Ruptura de padrões normativos; identidade feminina
5º Encontro (13/11/2023)	Fotomontagens diversas	Fotomontagem	[Variado]	Cartazes de fotomontagens	“Quem sou eu?”

Fonte: elaborado pelas autoras (2023).

**Tabela 2** – Oficinas culturais com a Pastoral das Crianças da Paróquia de Sant’Anna (2024.1)

<b>Data</b>	<b>Objeto cultural</b>	<b>Tipo de objeto cultural</b>	<b>Data de publicação</b>	<b>Produção textual derivada</b>	<b>Tema</b>
1º Encontro (03/06/2024)	<i>Apelo</i> (Trevisan, 2025)	Literatura (conto)	1970	Bilhete (para a antagonista do conto)	Trabalho reprodutivo; estereótipos de gênero
2º Encontro (10/06/2024)	<i>Triste, louca ou má</i> (Francisco, 2016)	Cancional (letra de canção)	2016	Queima de sentimentos (sentimentos que as mulheres gostariam de queimar)	Ruptura de padrões normativos; identidade feminina
3º Encontro (17/06/2024)	Fotomontagens diversas	Fotomontagem	[Variado]	Cartazes de fotomontagens	“Quem sou eu?”

Fonte: elaborado pelas autoras (2024).

O grupo organizado pelo Cras II foi formado por mulheres que haviam experienciado (ou ainda experienciavam) a violência doméstica. O grupo apresentava o seguinte perfil: cerca de 55% das mulheres tinham entre 51 e 70 anos, e aproximadamente 33% das participantes correspondiam à faixa etária de 20 a 50 anos. Além disso, mais de 66% delas não completaram o ensino fundamental, com ausência total de mulheres apresentando o ensino médio completo. Em relação ao estado civil, 33% eram casadas, o mesmo percentual de divorciadas (33%). Considerando que 11% eram viúvas, pode-se dizer que a maioria das mulheres vivenciou uma relação matrimonial formal. O grupo era formado, em sua maioria (55%), por mulheres pretas e pardas. A grande maioria delas tinha pelo menos 3 filhos e renda familiar menor que 1 salário mínimo (77%). Considerando a atuação profissional, mais de 33% se declararam “do lar”, exercendo atividade reprodutiva não remunerada ou remunerada como diarista, doméstica e auxiliar de cozinha (33%), enquanto 11% citaram trabalhos autônomos, como cabeleireira e revendedora de produtos de beleza.

No grupo da Pastoral das Crianças da Paróquia de Sant’Anna, destaca-se a predominância de mulheres idosas, com idades entre 52 e 84 anos, majoritariamente pardas e com baixa escolaridade (50% não concluíram sequer o ensino fundamental). A maioria declarou-se divorciada, casada ou viúva, com uma trajetória de inserção laboral marcada por funções tradicionalmente impostas às mulheres, como trabalho doméstico, cozinheira e serviços gerais. Ademais, metade das mulheres era a única responsável pelo orçamento doméstico, enquanto 66% recebiam aposentadoria, indicando certa estabilidade financeira relativa ao grupo, embora grande parte ainda declarasse sobreviver com até 2 salários mínimos. Por fim, a

convivência intergeracional foi marcante: 83% possuíam filhos e netos, e 60% desses familiares residiam com elas.

A autorreflexão das mulheres participantes das oficinas culturais promovidas a partir da metodologia das tertúlias dialógicas ocorreu não apenas por meio dos relatos nas rodas de conversa<sup>6</sup>, como também na produção autoral de textos diversos, envolvendo fotomontagens, bilhetes, cartas, recortes *etc.*

Em relação ao segundo encontro da oficina cultural realizada no Cras II, em 23 de outubro de 2023, foi proposto que as mulheres participantes, após a reflexão coletiva sobre estereótipos de gênero a partir do conto “Apelo”, de Trevisan (2025), escrevessem bilhetes à antagonista da história, expressando sua opinião sobre a atitude da personagem de abandonar o marido. Elas deveriam, além disso, nomear a personagem, que era denominada apenas de “senhora” pelo marido abandonado. Nesse horizonte, destacam-se dois dos bilhetes produzidos: “Clarice, tudo bem? Estou feliz com sua decisão. O primeiro passo é difícil de ser dado, mas você, com coragem e maestria, soube dar esse passo; você tomou a melhor decisão, siga sua vida e seja muito feliz. Cuide de si e da sua saúde. Celebre muito essa nova fase” (Olga, 2023)<sup>7</sup> e “Mulher vitoriosa. Você fez muito bem em largar tudo e todos. Parabéns. Você foi uma grande guerreira. Grande guerreira, é isso aí. Parabéns, parabéns, parabéns!” (Dandara, 2023).

O mesmo objeto cultural foi utilizado em um dos encontros da oficina cultural realizada na Pastoral das Crianças da Paróquia de Sant’Anna, em 3 de junho de 2024, dando origem aos seguintes bilhetes:

*É uma realidade que existe: casamento complicado, o marido quer tudo na mão. Já presenciei bem perto de mim brigas horríveis e conversas, e estão juntos até hoje, não sei porquê. A certeza que eu tenho lendo esse texto é que muitas mulheres sofrem esse tipo de agressão e não denunciam, ficam caladas e demoram uma vida para se libertar dessa prisão. Essa Maria Helena fez muito bem em largar desse homem, deveria ter largado há muito tempo (Olívia, 2024).*

*Julieta, tudo bem? Estou feliz pela sua decisão de sair de casa e ir buscar sua felicidade. Você está certa, pois na vida precisamos nos valorizar e não deixar que homens como esse que você vivia nos escravizem, pois, como você, têm muitas que vivem somente para servir, cuidar da casa e ainda têm que suprir suas necessidades. Vendo sua coragem de sair e se libertar, abre também a cabeça de outros para fazer o mesmo! Felicidades sempre. Viva a vida e seja sempre essa pessoa leal a teus sentimentos (Flora, 2024).*

<sup>6</sup> As rodas de conversa realizadas no Cras II e na Pastoral das Crianças da Paróquia de Sant’Ana foram gravadas em vídeo e áudio, além de transcritas para uso nas pesquisas do projeto, autorizadas pelas mulheres participantes, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

<sup>7</sup> Os nomes utilizados neste texto são fictícios para preservar o anonimato das mulheres participantes, conforme determinações do CEP da Unifal.

Além dos dois bilhetes acima, destacou-se o de Íris (2024): “*Antonella, por qual motivo ele não guardou o jornal? Não volta para ele. No meu caso, me arrependi de não ter deixado o casamento antes. Siga sua vida e largue mão desse homem para já, ele não pode nem por um sal no tomate?*”.

Nos bilhetes, as mulheres participantes expressavam sua empatia com a atitude de “senhora”, ressaltando o trabalho exaustivo que as mulheres têm nos cuidados com a casa, com seus filhos e marido. Destaca-se, no bilhete produzido por Olga (2023), o desejo de que a “senhora” cuide de si e de sua saúde, remetendo a dois aspectos: (1) como o cuidado de outros (exercido pela mulher) sugere a negação ao cuidado de si ou a ausência de alguém que atue nesse cuidado; (2) a sobrecarga feminina pode levar ao adoecimento mental e psicológico, sobretudo diante das expectativas sociais relativas às mulheres. Em seu bilhete, Olívia (2024) nomeia o trabalho reprodutivo não remunerado como um tipo de violência imposta à mulher (“agressão”), apontando o casamento como um aprisionamento feminino dado pela imposição dos estereótipos de gênero. Para Flora (2024), o trabalho reprodutivo escraviza a mulher, ao mesmo tempo em que libertar-se de uma relação abusiva é visto como incentivo para outras mulheres (“*Vendo sua coragem de sair e se libertar, abre também a cabeça de outros para fazer o mesmo*”). No que concerne a Íris (2024), a identificação com a antagonista é completa, especialmente ao declarar que, no seu caso, se arrependeu “*de não ter deixado o casamento antes*”. Entre os motivos alegados por ela (a sua separação ocorreu após mais de 40 anos de casada), estava a pressão social atribuída à mulher como responsável pela manutenção do casamento e da paz doméstica.

Essa identificação das mulheres participantes com a personagem do conto evidencia a força dos dispositivos de gênero em sua vivência cotidiana, operando como sistemas de controle e normalização, bem como impondo condutas específicas às mulheres nas esferas reprodutiva, afetiva e sexual (Zanello, 2022). Assim, o casamento revela-se, nessas escritas, como uma estrutura social que distribui papéis desiguais entre homens e mulheres, muitas vezes mediado pela naturalização de relações assimétricas (Bourdieu, 2019). Essa perspectiva se articula com a teoria da reprodução social ao revelar como a esfera doméstica e reprodutiva constitui o alicerce invisível do sistema capitalista (Arruzza; Bhattacharya, 2023). As mulheres, responsáveis quase que exclusivamente pelo cuidado e pela manutenção da vida, não apenas produzem força de trabalho, como reproduzem as condições sociais que naturalizam sua própria subordinação. Nas escritas analisadas, esse ciclo é tensionado a partir do momento em que elas se enxergam como sujeitos históricos e reflexivos, e não apenas como cuidadoras silenciadas.

Essas produções textuais originam-se da reflexão coletiva das mulheres participantes sobre o conto e seu entendimento, relacionados às suas experiências e vivências em suas próprias relações afetivas. Muitas delas, portanto, construíam laços empáticos com “senhora” porque se viam ou se viram nesse mesmo lugar social de aprisionamento e/ou de libertação, com o fim da relação amorosa (em casos de divórcio ou viuvez).

No encontro que teve como objeto cultural o curta-metragem *Vida Maria* (Vida, 2006), ocorrido no Cras II em 30 de outubro de 2023, alguns temas foram levantados pelas mulheres participantes no momento da interação-reflexiva, tais como: trabalho doméstico não remunerado; exploração do trabalho infantil; negação ao estudo — temas contidos diretamente na obra. Havia, na expressão verbal dessas mulheres, um sentimento contraditório, originário da complexidade emocional relativa ao trabalho infantil (imposto pelos pais). Ao mesmo tempo em que reconheciam a perda da infância, trocada por afazeres de toda espécie, sobretudo relativos aos cuidados com a casa e com irmãos mais novos (embora também em casas de outras famílias, como babás ou domésticas), elas reconheciam a importância dessa trajetória em suas formações como mulheres honestas e trabalhadoras, diferentes dos “jovens de hoje”.

Além dos temas supracitados, outros emergiram das reflexões das mulheres participantes, como violência doméstica, cárcere privado e abuso sexual infantil. O tema da violência foi levantado por Patrícia (2023), que narrou sua história de cárcere privado em uma relação de aproximadamente 20 anos. No relato, ela descreveu como seu companheiro recorria a várias violências, sobretudo a psicológica e a moral, para mantê-la aprisionada; ademais, ela relatou a repercussão em sua família com o abuso de sua filha e neta. O seu relato desencadeou outros, que evidenciaram o “ciclo da violência”<sup>8</sup> ao qual as mulheres estão cotidianamente expostas, além de evidenciar as dificuldades de enfrentamento da situação, uma vez que são mulheres que se encontram, ao chegar nos aparelhamentos do Estado, bastante fragilizadas.

No encontro do dia 7 de novembro de 2023, ocorrido no Cras II, o objeto cultural constituído como ponto de partida para a reflexão coletiva foi a canção *Triste, louca ou má*, da banda Francisco (2016), que não era conhecida pelas mulheres participantes. Após a longa reflexão sobre a letra da canção, a equipe executora do projeto propôs que as mulheres queimassem ideias e sentimentos que elas consideravam negativos em suas vidas, tendo sido citados “depressão”; “negatividade”; “toda a minha tristeza”; “tudo que me faz mal”; “vício da bebida alcoólica”; “vícios”; “desgosto da vida”; “dependência de pessoas”; “palavras ofensivas”; “ressentimento do passado”; “relações familiares abusivas”; “dores”; “passado”;

---

<sup>8</sup> O ciclo da violência, segundo cartilha do IMP (2023), ocorre de maneira circular e repetitiva: aumento de tensão, ato de violência com seguinte arrependimento ou “lua de mel”.

“machismo”. Essa queima foi materializada simbólica e fisicamente por meio de um caldeirão desenhado e um real, no qual as mulheres depositavam seus sentimentos, anotados em pequenos pedaços de papel.

Na reflexão coletiva, as mulheres participantes falaram de seu entendimento da letra da canção e de trechos que mais gostaram, ressaltando termos como “liberdade”, “independência” e “guerreira” como qualificativos da mulher que rompe com as expectativas sociais associadas a elas:

*Eu gostei muito da música, porque é um sinal de que a mulher não é tão dependente, dá um sinal de uma liberdade total, que não é o homem e nem ninguém que vai fazer a gente, a gente vai fazer a gente. [...] Eu gostei daquela parte que fala que um homem não nos define, que a carne não nos define, que eu sou meu próprio lar, né? Eu sou minha morada dentro de mim, eu tenho que ser eu e é isso. Essa música traz muita liberdade para a mulher, para ela se sentir que é capaz de tudo, que ela é muito forte, que ela é ela (Palma, 2023).*

*Praticamente está falando, na minha percepção... fala de uma mulher taxada como um alvo, né? E aí, ela não pode se conformar, conformada porque a gente não pode se conformar com a situação. É libertador porque também fala do mapa: ela pode reconstruir uma nova situação, novos rumos, ela não precisa viver naquele mundinho fechado, ela pode começar do zero. Toda vez que ela se sentir presa, ela pode começar do zero, porque um homem não a define. Então, eu achei muito legal essa parte, principalmente essa estrofe (Maria, 2023).*

Após a compreensão inicial da letra da canção, elas começaram a narrar suas experiências de recomeço e/ou de reorganização de suas trajetórias de vida:

*Um dia eu rodei a baiana, joguei uma panela de frango em cima dele e falei: “Cansei, chega, acabou! Não tem escravidão, não sou tua mãe, chega, quem cuida é mãe”. [Isso] foi quando eu me separei, eu surtei, chutei o barco... Também, a rotina todo dia de limpar, lavar e fazer comida... Tem um dia que você olha assim e fala “Você é muito tonta, muito boba”, aí a pessoa pisa, pisa e pisa, chega o amanhã e tem que fazer tudo de novo, vai acumulando e não tem jeito, um dia você explode, aí fica louca mesmo... do tanto que me chamava de doida, eu fiquei mesmo (Lourdes, 2023).*

*Eu não desisto de mim, um novo ciclo da minha vida se iniciou, outubro agora eu fiz 30 anos e eu acredito que agora é uma nova etapa, uma nova fase, não importa os meses que passaram para trás, o que aconteceu, eu sei que tem mais dois meses pela frente e tudo pode acontecer, mas que ninguém vai me chamar de louca ou doida mais não (Palma, 2023).*

*Mãe solteira passa pela mesma situação, teve gente que passou na minha vida que achava que eu tinha que viver em um casamento abusivo, porque na minha situação, eu era muito nova e mãe [...]. Todo mundo falava que eu tinha que aguentar e suportar, mas não, eu via com outro olho, pensava “eu sou capaz de mudar a situação”. Então, naquela parte em que ela queima o mapa, ela traça totalmente o trajeto dela. Eu me coloco totalmente naquela estrofe, porque eu fiz isso, eu saí de [ela cita a cidade] e não tinha ninguém aqui [a cidade em que atualmente mora]; eu vim com a cara e a coragem, arrumei serviço e trouxe meus filhos, hoje estamos levando (Maria, 2023).*

Lourdes (2023), Palma (2023) e Maria (2023) materializaram a mudança de trajetória de suas vidas: a primeira e a terceira, com a separação de maridos que as agrediam; a segunda, iniciando um tratamento para se livrar de uma dependência química, que havia tirado dela a guarda das filhas. Nesse dia, após vários relatos que expressavam mudanças nas vidas dessas mulheres, um deles se destacou, justamente por apresentar uma relação afetiva de abuso e dependência econômica e emocional (sem perspectiva de mudança na sua percepção):

*Minha vida é tudo ao contrário. [...] Ao contrário do que está lá [na letra]. [...] A gente se acostuma com a pessoa, né? Muito de dependência também, né? [...] Às vezes, a gente pensa em separar, né? Minha filha fala: “Mãe, separa, você vai viver uma vida tão diferente, vai ser feliz”, mas é por causa da casa também, depois tem que repartir, né? Tem que repartir e eu não quero saber disso, sabe? Repartir, ter que morar longe, porque eu moro em um lugar bom, aí fica tudo isso na minha cabeça e eu vou aguentando, né? (Elis, 2023).*

Como ocorreu em alguns relatos dos encontros das oficinas culturais, o de Elis (2023) concentrou a atenção de todas, que participaram da narração com perguntas, comentários, aconselhamentos, que iam desde aqueles promovedores de empatia e cuidado até jurídico, com oferta de contatos de advogados que podiam auxiliá-la no processo de separação definitiva e na manutenção da sua casa.

Por fim, uma das participantes da oficina ofertada para o grupo de mulheres da Pastoral das Crianças da Paróquia de Sant’Anna, no dia 10 de junho de 2024 (quando a mesma canção foi o objeto cultural de destaque), escreveu um bilhete que sintetizava o que todas sentiram em suas reflexões sobre a letra de *Triste, louca ou má* (Francisco, 2016), ao narrar a possibilidade de uma mulher romper com os estereótipos culturais de gênero e traçar novos caminhos: “*Queimo tudo que impede a mulher de ser feliz, ter liberdade de fazer tudo aquilo que tenha vontade, de viver a vida com intensidade sem deixar que nada de fora nos defina, nem homem nem valores*” (Lírio, 2024). O bilhete de Lírio (2024) resgata alguns versos da canção: “Que

um homem não te define / Sua casa não te define / Sua carne não te define / Você é seu próprio lar” (Francisco, 2016, 1min7s-1min19s).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do uso metodológico das tertúlias dialógicas e de objetos culturais que tematizavam aspectos da vivência feminina (trabalho reprodutivo, estereótipos de gênero, violências, entre outros), construiu-se uma reflexão conjunta e empática junto a mulheres em situação de vulnerabilidade social e de risco atendidas por instituições de assistência social da cidade de Varginha/MG. Essa (auto)reflexão acenava para uma interpretação do mundo e de si mesmas, por meio da escuta e da fala de outras participantes. Tratava-se de um exercício coletivo de leitura da realidade, no qual o texto (seja verbal, visual ou verbo-visual) operava como provocador de sentidos e não como fonte de um saber absoluto.

Nesse processo, cada participante tinha a oportunidade de se reconhecer nas histórias narradas por esses objetos, bem como de se reposicionar diante de experiências que, até então, pareciam individuais, mas eram compartilhadas e coletivas. O conceito de escrevivência se associava a isso, ao modo como essas mulheres, por meio de uma reflexão conjunta, exerciam sua autorreflexão, entendida como a capacidade de olhar para si a partir da mediação do grupo, materializada por meio de seus relatos e produções textuais diversas.

O projeto, associado à EDH, não apenas apresentou questões importantes do universo feminino em torno das diversas formas de violações a que as mulheres ainda estão socialmente submetidas, tratadas no âmbito da extensão universitária, mas promoveu uma interação real entre saberes e fortaleceu os laços empáticos entre suas participantes, por meio da identificação, escuta, fala, escrita e do diálogo solidário e acolhedor.

## **AGRADECIMENTOS**

Nosso muito obrigada a todas as mulheres que estiveram conosco nesses três anos de caminhada, dividindo suas histórias e nos ensinando a escrever o mundo! Nosso agradecimento às instituições parceiras do projeto e à Fapemig pelo financiamento!

## REFERÊNCIAS

ARRUZZA, C.; BHATTACHARYA, T. Teoria da reprodução social: elementos fundamentais para um feminismo marxista. **Contemporânea**, São Carlos, v. 13, n. 2, p. 619-651, 2023. DOI 10.14244/contemp.v13i2.1258. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/1258>. Acesso em: 30 out. 2025.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. Rio de Janeiro: Difel, 2019.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: MDH, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/educacao-em-direitos-humanos/DIAGRMAOPNEDH.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2026.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Educação em Direitos Humanos**: Diretrizes Nacionais. Brasília: Coordenação Geral de Educação em SDH/PR, Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, 2013. Disponível em: [http://observatorioedhemfoc.hospedagemdesites.ws/observatorio/wp-content/uploads/2013/10/Anexo40\\_Diretrizes-da-Educa%C3%A7%C3%A3o-em-Direitos-Humanos.pdf](http://observatorioedhemfoc.hospedagemdesites.ws/observatorio/wp-content/uploads/2013/10/Anexo40_Diretrizes-da-Educa%C3%A7%C3%A3o-em-Direitos-Humanos.pdf). Acesso em: 24 jun. 2026.

CANDIDO, A. **Vários escritos**. São Paulo: Todavia, 2023.

EVARISTO, C. A escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, C. L. ; NUNES, I. R. (org.) **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 26-47. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 30 out. 2025.

EVARISTO, C. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. **Z Cultural**, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <https://revistazcultural.pacc.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/10/DA-GRAFIA-DESENHO-DE-MINHA-M%C3%83E-UM-DOS-LUGARES-DE-NASCIMENTO-DE-MINHA-ESCRITA-%E2%80%93-Revista-Z-Cultural.pdf>. Acesso em: 30 out. 2025.

FRANCISCO, el Hombre – Triste, Louca ou Má (OFICIAL). [*S. l.: s. n.*], 2016. 1 vídeo (4 min 29 s). Publicado pelo canal Francisco, el Hombre. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IKmYTHgBNoE>. Acesso em: 24 jun. 2026.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?**. 17. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2021.

GARCÍA, R. F., CARRIÓN, R. G., GONZÁLEZ, A. G. Transferencia de tertulias literarias dialógicas a instituciones penitenciarias. **Revista de Educación**, Madrid, v. 360, n. 8, p. 140-161, 2013. DOI 10.4438/1988-592X-RE-2013-360-224. Disponível em: <https://www.educacionfpydeportes.gob.es/dam/jcr:eacb255c-d3d5-4b36-b750-30e9cc4af853/re36008-pdf.pdf>. Acesso em: 30 out. 2025.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo 2022: população por idade e sexo – resultados do universo. **IBGE**, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em 10 fev. 2025.

IMP. INSTITUTO MARIA DA PENHA. **Instituto Maria da Penha – IMP**, 2023. Enfrentar, por meio de mecanismos de conscientização e empoderamento, a violência doméstica e familiar contra a mulher. Essa é a nossa missão. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/>. Acesso em: 24 jan. 2024.

OLIVEIRA, M. J.; SAMPAIO, J. C. C.; SILVA, O. A. Entre e para além da literatura: um estudo da noção ‘escrivência’, de Conceição Evaristo. **Nau Literária**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 166-194, 2021. DOI 10.22456/1981-4526.110421. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/110421>. Acesso em: 30 out. 2025.

TREVISAN, D. **Vampiro de Curitiba**. São Paulo: Todavia, 2025.

VIDA Maria. Direção de Márcio Ramos. Brasil: VIACG, 2006. Animação (9 minutos).

ZANELLO, V. **A prateleira do amor**: sobre mulheres, homens e relações. Curitiba: Appris, 2022.

Submetido em 31 de outubro de 2025.

Aprovado em 5 de junho de 2026.